



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
LETRAS E ARTES DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

ANA CRISTINA PEREIRA DOS SANTOS

**CULTIVAR NOSSAS HISTÓRIAS: *PLANTA ORAÇÃO* DE CALILA
DAS MERCÊS COMO ADUBO PARA AFIRMAÇÃO DE MEU
PERTENCIMENTO ENQUANTO MULHER-NEGRA**

João Pessoa

2024

ANA CRISTINA PEREIRA DOS SANTOS

**CULTIVAR NOSSAS HISTÓRIAS: *PLANTA ORAÇÃO* DE CALILA DAS
MERCÊS COMO ADUBO PARA AFIRMAÇÃO DE MEU
PERTENCIMENTO ENQUANTO PROFESSORA DE LITERATURA E
MULHER-NEGRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB – Campus I) para obtenção do grau de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa sob a orientação da Professora Dr^a Fabiana Carneiro da Silva.

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Fabiana Carneiro da Silva (DLCV/CCHLA/UFPB)
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Franciane Conceição da Silva
Examinadora Interna (DLCV/CCHLA/UFPB)

Prof. Ms. Bruna Louize Miranda Bezerra Cassiano
Examinadora Externa (PPGL/UFPB)

João Pessoa/PB

2024

S237c Santos, Ana Cristina Pereira dos.

Cultivar nossas histórias : planta oração de calila das mercês como adubo para afirmação de meu pertencimento enquanto mulher-negra. / Ana Cristina Pereira Dos Santos. - João Pessoa, 2024.

30 f.

Orientadora : Fabiana Carneiro da Silva. TCC (Graduação)
- Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2024.

1. Infâncias negras. 2. Memórias. 3. Literatura afro-brasileira. I. Silva, Fabiana Carneiro da. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82(81:6)

Catlogação na publicação Seção de Catalogação e Classificação

Elaborado por KARLA MARIA DE OLIVEIRA - CRB-15/485

A Deus, saúdo e dedico!

AGRADECIMENTOS

Tenho a imensa gratidão ao Senhor Jesus, que é o meu Deus, meu Senhor, meu único, suficiente, exclusivo e eterno Salvador por ter me proporcionado chegar até aqui, bem como agradeço à minha mãe, Luisa Pereira dos Santos, e ao meu saudoso pai, Eurides Ferreira dos Santos, que descansa nos braços de Deus.

Agradeço ao meu marido Rosembergh Nóbrega dos Santos.

Agradeço a toda minha família desde irmãs, irmão, cunhados(a), vizinhos e amigos, como: Rodrigo Ferreira de Andrade e sua mãe Lúcia, Janaína, Suellen, Pauliana, Lucivânia, Gi, Gracielle, Vitória, Claudiane(Cacau), Samara Salete, sem eles provavelmente seria impossível concretizar esse sonho. Tenho imenso prazer e gratidão em mencioná-los no corpo deste trabalho, bem como de reconhecer a importância de suas colaborações no processo de construção e mediação das aprendizagens que obtive no âmbito de meu desenvolvimento pessoal e acadêmico.

Agradeço à professora Fabiana Carneiro da Silva por abrilhantar meus caminhos após sua chegada à Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Me inspiro e a tomo como uma excelente referência a ser seguida, sua competência e sensibilidade são encantáveis, bem como às integrantes da banca de avaliação deste trabalho: Franciane Silva e Bruna Cassiano pela honra e privilégio de suas presenças e pela mediação do conhecimento literário que será inesquecível ao decorrer da minha vida.

RESUMO

O presente relato de experiência de leitura surge de uma inquietação do corpo-alma fundamentada pela ancestralidade e por raízes fortes. A autora Calila das Mercês na obra *Planta Oração* (2022) nos convida a mergulhar em nossas recordações familiares e nas possibilidades de descoberta do prazer. Trata-se de um livro de contos que deve ser lido bem devagar e, para os fins desta pesquisa, realizei a leitura da obra apreciando cada detalhe, desde as palavras e expressões corriqueiras também presentes no meu cotidiano interiorano (e que logo remetem às minhas memórias ancestrais), até a dimensão mais ampla da linguagem da autora, que transcende as nossas vivências singulares em direção à representação de uma experiência coletiva. Sendo assim, nesta monografia pretendo dar a ver a experiência de leitura de um dos contos do livro, intitulado "Limoeiro", enquanto possibilidade de encontro com intelectuais negras, haja vista lembranças, violências, dores, escrevivências enraizadas no mais profundo da alma, bem como reflexões e vivências como bacharela em psicopedagoga e professora atuante na rede pública de ensino. Para tanto como referências teóricas nos apoiaremos sobretudo KABENGELE (1996) e EVARISTO (2020).

Palavras-chave: infâncias negras; memórias; literatura afro-brasileira, subjetividade e pertencimentos negros.

ABSTRACT

This account of a reading experience arises from a restless body-soul based on ancestry and strong roots. In *Planta Oração* (2022), author Calila das Mercês invites us to delve into our family memories and the possibilities of discovering pleasure. It's a book of short stories that should be read very slowly and, for the purposes of this research, I read the work appreciating every detail, from the commonplace words and expressions that are also present in my everyday life in the countryside (and which immediately bring back my ancestral memories), to the broader dimension of the author's language, which transcends our singular experiences towards the representation of a collective experience. Therefore, in this monograph I intend to show the experience of reading one of the short stories in the book, entitled "Limoeiro", as a possibility of meeting black intellectuals, in view of memories, violence, pain, writings rooted in the depths of the soul, as well as reflections and experiences as a bachelor in psychopedagogy and a teacher working in the public school system. To this end, we will rely mainly on KABENGELE (1996) and EVARISTO (2020) as theoretical references.

Keywords: black childhoods; memories; afro-Brazilian literature, subjectivity and black belongings.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: LITERATURA BRASILEIRA DE MULHERES NEGRAS, ADUBO PARA AFIRMAÇÃO DE MEU PERTENCIMENTO.	08
1. RELATO DE UMA MULHER NEGRA EM DESCOBERTA.	10
2. O CONTO “LIMOEIRO”: A VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS NEGRAS	17
3. A VALORIZAÇÃO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE MULHERES NEGRAS NA ESCOLA.	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.	25
5. REFERÊNCIAS.	27

INTRODUÇÃO: LITERATURA BRASILEIRA DE MULHERES NEGRAS, REFLEXÕES NECESSÁRIAS PARA MEU PERTENCIMENTO.

Este trabalho surge a partir do exercício de enriquecimento intelectual mediante a leitura do livro de contos *Planta Oração* (2022) da autora Calila das Mercês, obra que inscreve a vivência de escritoras negras na literatura brasileira, assim como a importância da construção do conhecimento pela literatura negra, corroborando a necessidade de que esses textos estejam em nosso ambiente educacional (currículos, escolas, salas de aula).

Quando falamos da Literatura Negra, sentimos que ainda há uma lacuna cultural e social, no tocante à relevância da literatura feminina negra em contribuir para novas reflexões que viabilizem combater os mecanismos de opressão, subalternização, o preconceito racial, de gênero e suas implicações na sociedade brasileira. Pode-se traçar um paralelo entre a forma como os negros(a) encontram-se representados(as) na literatura brasileira desde séculos XVI, XVII e a maneira como essa mesma figuração transformou-se, na medida em que os movimentos sociais pela igualdade étnica e social cresceram consideravelmente dando espaço para a representação da mulher preta como protagonista e formadora de opiniões. As personagens negras até então representadas pelo cânone como secundárias e/ou estereotipadas, na literatura de autoria negra passaram a ser protagonistas e a narrar suas origens, incorporando-as à memória nacional.

É de suma importância analisar a narrativa de mulheres negras, no intuito de provocar a nossa perspectiva como leitoras e apreciadoras dos detalhes das personagens, dos espaços em que ocorre a narrativa e a caracterização social, moral ou psicológica dos personagens. Propor a valorização da produção literária da população negra deve ser uma responsabilidade de toda a comunidade escolar, inclusive, referenciando o texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental, o qual deixa evidente a importância de estimular a leitura por fruição e de diversificar os autores lidos pelos estudantes, assim como a partir dessas leituras propor possíveis identificações com o texto literário contribuir para o despertar literário.

A escrita da Calila das Mercês estimula meus estudos de crítica literária sobre os diversos movimentos de grupos estigmatizados, bem como os questionamentos acerca da história literária do nosso país. Podemos imaginar essa construção histórica com

uma prática docente que vivenciamos a partir de pequenos remendos, comparada à costura de um lençol de retalhos, diversos tipos de tecido, costurados ponto a ponto com as lágrimas de um povo com suas tradições, relações étnico-raciais e esperança de resgate da dignidade desde o campo familiar, literário, cultural, artístico e social, mediante conquistas e reconhecimento. As formas literárias vão se manifestando gradualmente, com diversas ações que aumentam a nossa visibilidade e a representação da violência na terra, na cor, no sangue “vermelho”, seja na pele preta ou marrom. É nessa perspectiva, que desperta o passado adormecido, desde as mais singelas recordações da infância até o resgate do lúdico nas brincadeiras de “faz de conta”, que eu realizei a leitura do conto foco da pesquisa.

Calila das Mercês nasceu em Berimbau/Conceição do Jacuípe (BA) e mora atualmente em São Paulo (SP). É uma jovem negra, autêntica e empoderada mulher, dona dos seus saberes que embelezam a literatura do século XXI. Poeta, jornalista, pesquisadora e doutora em literatura pela Universidade de Brasília, possui diversos textos literários publicados no Brasil e internacionalmente e *Planta Oração* é o seu primeiro livro de contos. Atua, desde o mês de dezembro do ano de 2022, como pesquisadora pós-doc do programa que é coordenado pela escritora e catedrática Conceição Evaristo no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP). Consequentemente, é parte integrante das atividades na Cátedra Olavo Setúbal de Arte, Cultura e Ciência. Além de fazer parte do corpo docente da disciplina *Escrevivência: sujeitos, lugares e modos de enunciação - corpus literário em diferença*, ao lado da Conceição Evaristo.

Os contos de Calila das Mercês tocam a alma, desde o cheirinho de infância, chão molhado, pés descalços, cheiro de chuva que vem. A autora reelabora recordações familiares, bem como suas experiências e sensações dos primeiros toques à descoberta do prazer. Os contos se passam em um contexto rural, portanto, próximo à terra. Fica claro o convite a possíveis rastros de memórias a partir da narrativa que evoca lembranças desde o quintal de casa ao encanto das singelas coisas e sua importância ampliada, pois transcende o vivido, envolvendo o leitor simbolicamente desde o primeiro ao último conto.

O livro “Planta Oração”, deve ser utilizado dentro das salas de aula, pois como professora negra reconheço a fundamental importância do trabalho com os contos de “Calila das Mercês”, tendo em vista a construção da literatura negra mediadas a novas reflexões de vida dos nossos alunos, pois na maior parte das vezes retratam ou envolvem o aluno a compreender melhor a literatura negra, e produzir novas narrativas em diálogos mútuos com os contos trabalhados.

O livro é constituído por dezesseis contos intitulados com nomes de árvores, plantas: jambeiro, pé de milho, jabuticabeira, castanheira, umbuzeiro, mandacaru, ipê, algas

marinhas, caramboleira, goiabeira, coqueiro, dendezeiro, nogueiras, pereiras, moreiras, oliveiras São contos narrados com ocasiões e vivências do cotidiano e a partir de personagens e imagens que evocam as minhas mais profundas e comoventes recordações, conforme vou narrar no próximo capítulo deste trabalho.

1. RELATO DE UMA MULHER NEGRA EM DESCOBERTA

Delineia-se, desse modo, a função importante da estética do livro, *Plata Oração*, para colaborar com toda conexão dos demais contos, tendo em vista que cada conto foi iniciado com uma página que evocava as singularidades do que predominaria no decorrer do conto, bem como em alguns eram utilizadas palavras repetidas, que dariam todo um sentido ao que seria introduzido no conto. A autora com sua contemporaneidade restabelece vivências mediadas a reflexões, estando assim a conexão entre os contos mediados ao prazer e desprazer, provocando o equilíbrio entre a natureza e as emoções evidenciadas em cada conto.

A literatura negra foi sem dúvidas um divisor de águas essencial para me auxiliar na descoberta da mulher negra que existe em mim, haja vista que desde muito pequena fui estigmatizada pela sociedade, porquanto sou a primeira filha negra da família, sou a quarta de cinco irmãos do mesmo pai e mãe, no entanto o primogênito é um homem de pele branca, assim como as demais irmãs também são brancas e a caçula, encostada a mim, é loirinha.

Minha mãe costumava falar em risos que a princípio ninguém entendia o porquê de eu tinha nascido com a pele bem escura, inclusive ela diz que fui clareando mais com o decorrer do tempo, ela conta que quando estava gestante houve um eclipse lunar e os dizeres da época eram de que mulher que estava grávida tinha que observar do início ao fim do evento, senão a criança poderia nascer cheia de manchas roxas (patacas).

O fato é que minha mãe, já cansada com o peso da barriga, disse a meu pai que não aguentaria esperar até o fim do eclipse. Então, nasci repleta de patacas roxas por todo o corpo e depois essas patacas foram aumentando e pronto fiquei mais pretinha ainda. Quando foram à visita, uma vez que na época só era dada a alta hospitalar após três dias do parto (mesmo sendo um parto normal como fora o dela), o meu irmão me viu pela primeira vez estranhou, e não me aceitou, indagando o motivo da minha cor ser aquela escura, disse que eu não seria realmente sua irmã.

É claro que na época meu irmão também era uma criança, mas com modelo característico de indivíduo branco, bem aceito na época dos anos de 1980, tudo ainda girava em torno de personagens e representações que remetiam a um único modelo de perfeição como, por exemplo, os super-heróis, atores e atrizes de novelas e filmes com os papéis principais: o modelo era o do branco, os sujeitos negros eram representados como subalternos, como empregados ou escravos.

Mesmo diante dessa triste realidade social e cultural, ao crescer nunca senti por nenhum dos meus irmãos qualquer tipo de diferença no amor. Busquei mais informações sobre minha ancestralidade, descendência e descobri que minha mãe é cabocla, pois meu avô, José Pereira Júnior, era um sertanejo de pele clara, porém queimada pelo sol no trabalho na roça, olhos azuis e cabelos lisos, já minha avó Nery, tinha a pele morena e

cabelos escuros lisos, tenho dúvidas se ela não seria indígena, pela descrição narrada, pois minha mãe era muito pequena quando minha avó faleceu no parto. Minha avó teve sete filhos, três mulheres, incluindo minha mãe, e quatro homens. Hoje, cinco são vivos e dois já faleceram, inclusive o mais novo que foi o primeiro a partir. Não tive o prazer em conhecer o meu tio mais novo por parte de mãe, pois, assim como era de costume na época, ele foi tentar a vida na cidade grande de São Paulo.

Na escola, eu me sentia mal porque éramos muito pobres e eu não tinha as roupinhas ou calçados que toda criança gostaria de calçar e vestir, pois os sapatos eram sempre maiores que meu pé, porque já seriam “cabedela”, ou seja as roupas que minha tia ganhava dos filhos dos patrões e trazia para nós. Lembro que, como era de costume ter roupa nova apenas nas festividades anuais como no São João e no Natal, repetimos a mesma roupinha e calçado no Réveillon. Se essa vestimenta do ano novo fosse um vestido, ele seria cortado para fazer uma saia com elástico na bainha para servir de farda, já que ganhávamos na escola apenas a blusa.



No meio, minha irmã mais velha, Rosilene Santos, do lado direito, minha irmã caçula, Edna Cristina Santos.

No entanto, para tudo isso, dependeríamos do rendimento da pesca e muitas vezes esse rendimento não chegava. Em certos períodos, não ventava adequadamente para espantar os mosquitos que ficavam no manguezal, então, os pescadores saíam para as águas da maré conhecida como ,“maré de mosquito”. O Rio Sanhauá e o Rio Paraíba são conhecidos aqui no município de Bayeux como Maré, e ambos os rios são interligados e conhecidos popularmente como Maré. Durante a maré de mosquito era difícil a pesca,

mesmo meu pai levando um “boi de fogo”, ou seja, um tipo de candeeiro formado em um caldeirão velho, com buracos no fundo para sair as cinzas do fogo que era aceso durante a pescaria para espantar os mosquitos.

Contudo, lembro-me de que paiinho colocava um chapéu de palha, ou um boné velho, roupas velhas que furavam o fundo, e quando eram calças compridas seriam daquelas que minha mãe já tinha perdido as contas de quantas vezes tinha costurado “remendado” a mão com pedaços de tecidos aquela calça.

Quando Cachorrinho (o companheiro de pescaria) não aparecia para a pescaria, quem iria com meu pai era meu irmão mais velho ou minha irmã, pois já estávamos numa situação muito difícil devido às trocas de pescadores ou o abandono de alguns que tentavam outro meio de sobrevivência. O sol era escaldante e não havia barco com motor, eles tinham que remar na ida e na volta, fazendo sol ou chuva, e mesmo com a lama batendo nas canelas das calças dobrada até próximo ao joelho e os pés cortados por vidro, ou mesmo cascas de crustáceos, como ostras e mariscos.

Recordo que certa vez minha mãe falou que meu pai arengava muito com a maior parte das pessoas do bairro, porque jogavam lixo na maré e principalmente vidros e que poderia causar algum acidente grave. No o “porto”, como chamamos onde termina a rua e tem início a beira do rio, ficavam e ainda ficam até os dias de hoje os barcos de pesca (botes), inclusive o do meu pai e demais pescadores, que não eram filiados à caiçara, que era onde costumavam deixar alguns pescadores.

Sem dúvidas, guardo com tristeza certa vez que minha mãe relatou que quando ainda eu não era nascida meu pai ao chegar na pesca a maré estava seca, pois assim como ocorre no mar, onde o mar enche e seca, também ocorre na maré que estava vazante, ou seja baixa. Quando ele desceu da canoa, com a rede de pesca nas costas e o remo, ao saltar na lama pisou num gargalo de garrafa e quase perdeu o pé. Ela conta que pedia muito a Deus por ele, pois sequer conseguia levantar da rede, rede esta de dormir, porque a cama era baixa e não aguentaria a dor ao levantar.

E não chegamos a passar fome graças a Deus e a saudosa dona Maria, cumadre de meu pai que tinha uma condição de vida melhor e levava o alimento até meu pai melhorar. Nunca esqueceremos da sua bondade e generosidade, que rolam em lágrimas no rosto da minha mãe e no nosso rosto também, pois minhas irmãs lembram e choram do episódio de nosso pai ali. Acho que dóia mais do que a falta de alimento, pois ele sempre foi um pai

muito presente e um gigantesco coração. Deus é lindo e curou meu pai, retirando daquele leito de enfermidade. E tudo voltou ao normal, meu pai voltou a pescar e a manter a casa.

Hoje, até entendo o lado deles, pois tinha semanas em que a pescaria só dava sardinha ou peixe bagre-sapo, os quais, na época, não tinham valor nenhum para a venda. Então, dávamos de bacias cheias aos vizinhos e ficavam uns dias sem poder pescar para costurar a rede de pesca que foi muito danificada e uma vez que a pescaria não tivesse sido boa, minha mãe chorava muito porque não teríamos a tão sonhada e esperada roupa nova, nem comeríamos carne vermelha e também macarrão no domingo. A carne era cara e só uma vez na semana é que iria parar no nosso prato.

Já no quintal de casa haviam muitas galinhas, e, sempre que as coisas não estavam boas, minha mãe iria escolher um franguinho ou uma galinha “ briguenta”, para ajudar no almoço. Era aquele chororô, por pena das bichinhas, então, para me consolar, ela teve a brilhante ideia de me dar o galo procriador, pois esse ela não mataria, senão não teria mais criação de pintos. E eu era um amor só com esse galo, esse ela nunca mataria só morreria com a idade ou de doença, eu o pegava no colo, cheirava, êita que até hoje faço isso.



À esquerda minha irmã mais nova, Edna, e à direita eu, Ana Cristina.

Houve um dia que tivemos que vender Tadeu o meu galo, para juntar e comprar os sapatinhos da Xuxa, um par azul para mim, que é minha cor predileta, e um vermelho para minha irmã caçula cheio de boquinhas e bem perfumado, no começo gostei, mas depois me veio a saudade do meu Tadeu e foi só chororô. Minhas irmãs tiveram pena de mim e surgiu a ideia de irmos ver tadeu na casa de seu Maurício, o novo dono do bichinho. Lembro até hoje, íamos na canoa do meu pai, minhas irmãs sabiam remar, elas pescavam com meu pai, quando ele não tinha com quem pescar e não poderia mais perder a maré, nós precisávamos muito.

Todos os dias daquele período, íamos ver o Tadeu porque o quintal de seu Maurício era com a cerca baixinha e podíamos observá-lo mesmo que de longe. Depois de um bom tempo não vimos mais o Tadeu e, então, eu começava o chororô tudo de novo até me acostumar que não adiantava ir mais para a maré de canoa com minhas irmãs, Tadeu sumiu para sempre e tive que me conformar. Na sequência, cresceu mais um franguinho e mainha me deu e o chamei de Jó, era tão cheiroso e cantava tão alto e bonito.

Quando criança eu era muito tímida e calada, certa vez para tirar a foto que até hoje minha mãe se enche de orgulho, uma vez que, por não ter tido a oportunidade de estudar, tendo em vista que ficara órfã de mãe muito pequena e teve que deixar os estudos para trabalhar na roça, para ajudar seu pai desde muito nova.

Logo depois veio para a capital morar com os familiares e trabalhar como doméstica, mas graças a Deus fez de tudo para poder ver as filhas crescerem estudando, e mesmo sem as condições financeiras que almejava ter para dar uma qualidade de vida melhor aos seus, e o prazer e orgulho em ter a primeira graduada da família, se referindo a mim, ao alcançar seu sonho e tudo que pediu a Deus pode contemplar.

Justamente foi a filha negra que, por um número percentual dos índices de estudantes pobres e negros da comunidade seria a de menor possibilidade e capacidade de vencer, conseguiu fazer a diferença “ser alguém na vida”, e fui além do estigma social que por tantas vezes quer silenciar quem somos e de onde viemos, notadamente essa diferença que me deu forças e a fé inabalável em Deus de vencer.



À esquerda minha irmã Edna Cristina, à direita Ana Cristina (eu).

Mesmo crescendo ainda foi muito difícil para aceitar minhas raízes, pois tudo que tinha como modelo a seguir eram os estereótipos moldados a bonecas brancas, não achava nenhum modelo de boneca negra, aquilo me causava um desgosto, porque não queria ter nascido com a cor da pele escura, e cabelos crespos, ondulados, enfim, ficava sonhando acordada em ser paquitas da Xuxa, ou tão linda feito a Angélica.

No ensino fundamental e médio da minha época, não percebia nenhum tipo de política inclusiva na escola, pelo contrário, o que aprendíamos era a nos ausentarmos de alguns eventos, pois o preto seria sempre rotulado de “saci”, “buiú”, “macaco ou macaca”, aquele ou principalmente aquela de cabelo duro, “pixaim”, pois não éramos incluídas naquele molde de sociedade. As cores de roupas, produtos de beleza e principalmente maquiagens valorizavam o tom da pele clara, branca. Um dia, pensando em me ajudar a estar com os cabelos baixinhos e lisinhos, minha irmã mais velha passou um creme alisante conhecido por “Keliza”, meu Deus, o resultado quero nem lembrar, pois de quebra ainda me fez uma franja.

Preconceito, racismo eram assuntos que não produziam a devida relevância em sala, tampouco conteúdos de literaturas negras e femininas. Sobre isso, percebi e aprendi que apenas meninas brancas e bonitas teriam oportunidades em determinadas empresas e

realmente comprovava esse perfil, moças de pele branca e bonitas. No trabalho, não passei por nenhum preconceito com colegas e sim com os clientes, alguns indagavam que a empresa deveria ter apenas moças com pele clara, sem medir as consequências de suas palavras racistas e agressivas. Na minha primeira graduação não passei pela experiência maravilhosa que tive o imenso prazer de contemplar na Licenciatura em Letras Português, suas disciplinas, livros, professores, autores são magníficos com vivências parecidas com a minha.

Diante do conhecimento desses conteúdos literários construídos no ambiente acadêmico, pude me permitir observar com mais clareza minhas características de mulher negra e me aceitar como preta, principalmente na pergunta do censo que falei com o peito cheio de orgulho sou preta sim, e todos olharam admirados com a minha postura não mais submissa de voz baixa quanto a minha etnia e sim um empoderamento de quem realmente sou.

Afirmo que tenho o compromisso como psicopedagoga e professora negra de buscar melhorias significativas frente a necessidade de mediar e construir uma educação que transmita as diversas possibilidades de repensar nossas atitudes desde, fazer das minhas dores uma narrativa política e crítica, que toque no mais profundo das questões de autoafirmação da identidade como mulher negra comprometida e destemida como fruto, raiz, terra adubada de cor escura, diante a raiz ancestral do saudoso meu pai um analfabeto de fé e caráter e de uma mãe semi-alfabetizada guerreira que não desiste dos seus sonhos enraizados na fé em Deus e no fruto das suas orações e dos seus esforços, pois nada é em vão.

No tocante ao caráter político dentro das escolas é de extrema importância assumirmos o papel de docentes mediadores que construam pontes relevantes de conhecimento, bem como desenvolva discursões intelectuais que tratem das conquistas já alcançadas pela literatura negra e muro invisível em pleno século XXI que ainda impede maiores mecanismos de discussões, haja vista, o processo notório de discriminação da identidade negra. A inclusão por si contempla uma aprendizagem compreendida a partir do projeto político pedagógico (PPP) para a prática docente, portanto faz-se necessário que o docente colabore com meios de conhecimentos que permeie reflexões da narrativa negra, portanto muito distante da vivência docente curricular.

2. O CONTO LIMOEIRO: A VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS NEGRAS

Calila das Mercês, mesmo se tratando de uma jovem autora, contribui para despertar a minha vivência adormecida, mas ainda viva dos anos 80. O livro *Planta Oração* (2022) apresenta o conto “O Limoeiro”, em que há a denúncia de violência presente no cotidiano de crianças negras, especialmente as violências ocorridas na escola. O conto apresenta a inocência de uma criança negra, com possíveis dificuldades de aprendizagem, frente à ignorância e violência sofrida na escola pela ação da professora. Essa violência é silenciada e até mesmo perpetuada pelo fato da mãe com os afazeres diários não dar a devida atenção, amor e carinho aos sinais físicos e psicológicos demonstrados pelas ações narradas da menina ao sofrer inúmeras pancadas com o apagador, por aquela que jamais deveria permitir qualquer tipo de violência e mais ainda ser a protagonista dessa violência, a professora.

Observa-se uma narrativa repleta de subjetividade e enfrentamentos que modifica a nossa experiência negra/preta e faz pensar no resgate da nossa identidade que está viva e estabelecida no nosso modo de ser, falar e viver. Segundo Evaristo:

A procura por uma estética que se confunda com a oralidade faz parte de meu projeto literário, que é profundamente marcado pela minha subjetividade forjada ao longo da vida. Quero criar uma literatura a partir de minhas próprias experiências com a linguagem, nucleada pela oralidade, a partir da dinâmica de linguagem do povo. (EVARISTO, 2020, p. 42.).

Refletindo sobre o conceito de “Escrevivência”, da autora Conceição Evaristo, em sua concepção inicial, observo como ela retrata o importante papel da identidade cultural para os avanços e reflexões sobre os contornos da escrita das mulheres negras e a transgressão das ideologias racistas, pois essas escrevivências se dão como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinham sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças brancas. (EVARISTO, 2020, p. 30.).

O conto “Limoeiro” traz uma lição de vida, já que, em pleno século XXI, ainda encontramos vários casos de violência contra crianças na escola, o conto conduz o leitor a refletir que o corpo também fala e que devemos ter mais atenção às mudanças de

comportamento repentinas das crianças, assim como que esses sinais podem ser um pedido de socorro, mesmo estando em um ambiente que não esperaríamos encontrar qualquer tipo de violência, a sala de aula e a relação aluno e professor.

Esse gesto de escrevivência de Calila das Mercês transcende a minha alma em perseverança universal. O sentido da cor preta nas páginas iniciais do livro remete ao luto, à terra, à escuridão, mas logo percebe-se que a obra se inicia evocando a terra, então, constrói a essência da cor da terra. No âmbito rural, aprendemos que quanto mais escura a terra, mais está adubada e propícia para a plantação; aprendemos que terra boa mesmo é terra “preta”, tendo em vista que já passou por vários tipos de adubação desde folhas caídas a vidas ali fincadas, ancestrais representados nas lembranças daquele lugar que a cor da terra misturam-se a suas mais belas e/ou cruéis lembranças.

Como não se encantar com essa obra que desde a capa é repleta de cores. A contracapa do livro apresenta forte tom de azul, que logo me remete ao imensurável céu e sua paz, bem como nos impulsiona ao profundo baú das nossas mais belas e temíveis lembranças, ou seja como a beleza infinita do mar em seus encantos e temores, ora encobertos ou descobertos no tocante aos mais profundos segredos da nossa alma. Na capa do livro, há também uma mulher negra sentada ao lado de um cajueiro que me faz transbordar uma beleza e sou levada a lembranças da minha infância, tão florido, tão bonito, tão cheiroso. Ele me encanta, mesmo não estando fisicamente ali, no chão, na terra marrom ou preta.



O texto de Mercês (2022), “Limoeiro”, encena questões do cotidiano de uma menina frente à violência sofrida na escola, enraizada na alma e cicatrizada em lágrimas. São muitos os pedidos de socorro dela, tais como a roupa molhada com xixis decorrentes

do medo das várias pancadas recebidas da professora com o apagador. A menina protagoniza a narrativa, construída de tal modo que percebemos que ela não é capaz de compreender a violência por ela vivida.

Segundo CAVALLEIRO (2012), é justamente na infância que começamos o todo o processo de construção da nossa identidade, portanto se durante esse processo de convívio com outras crianças uma é excluída por pretexto da condição de sua cor, essa exclusão poderá ocasionar em danos profundos no processo de construção da aprendizagem e subjetividade como um todo, uma vez que, esse indivíduo, agora excluído, é capaz de se auto excluir em outros momentos de sua vida. É notório que a menina demonstra significativas dificuldades de aprendizagem, tendo em vista que a criança insiste em afirmar que o nome formal é quadro negro onde na sua perspectiva e conhecimento prévio adquiridos o quadro era da cor verde, pois assim reconhece o que aprendeu com as diferentes cores e suas tonalidades.

Encontramos a menina pedindo para a avó rezar sua cabeça, pois em sua concepção os males da vida que a avó falava não eram espirituais e sim pensava em curá-la da dor física, a qual sofrera pela professora ao maltratá-la com oito marretadas de apagador, para forçá-la a aprender a contar até oito. Observa-se essa constatação em “Estava branca. Branca de pó de giz. Foram oito marretadas na cabeça com o apagador de quadro negro. Que era verde. Oito. VIII. Oito. Foi no “oito”. Oi-to. O-it-o! Fui até oito!” (MERCÊS, 2022, p.17).

Olho para essa menina e penso em mim. Com o decorrer do tempo, a minha aceitação de mulher negra gerou uma transformação notável e hoje sou chamada carinhosamente de neguinha por todos da família, com ressalva da minha mãe quando está brava que me chama em alto e bom som “Ana Cristina” (é aí que o bicho pega, pois lá vem bronca). Aprendi com a minha afirmação de mulher negra que tenho, portanto, descendência de vários tipos de terra, em vários tipos de cor da pele. Tive dificuldades em me aceitar e só agora, depois de tudo, ou seja, de toda a mediação do conhecimento na UFPB, obtive a felicidade de entender que através da diferença do tom da pele da minha mãe gerou a minha pele mais escura, ou seja, terra mais preta do que a terra (pele) marrom da minha mãe. Vejo esses dilemas refletidos em trechos do conto, tais como: “Acho a terra tão bonitinha, marronzinha, essa que mainha plantou o morango é mais escurinha, igual a vovó Corina... Será que se fizer franjinha Jojó vai brincar comigo?.. Cor de terra é feia,

Cágado?” (MERCÊS, 2022, p.19).

Planta Oração, de Calila das Mercês, trata-se do livro-poema-conto, pois nele ocorre a junção poética da oralidade com a ancestralidade, que estão presentes, dentre outros momentos, nas aberturas dos contos, construídas mediante a presença de um som ritmado, como mantras, como as ladainhas repetidas de geração a geração. O livro envolve a todos independentemente da idade do leitor.

Reflico sobre a importância do pensamento crítico para nos libertar e proporcionar um meio de reconhecimento e compreensão dos direitos fundamentais da vida e da construção da história, tendo em consideração a multiplicidade de um povo e mais respeito à sua cultura. A escrevivência surge entre nós como um ato literário e formativo que promove e assegura a escrita como um direito essencial. Afinal, todos nós temos algo para compartilhar, assim como para contribuir, narrar, registrar, proferir e superar.

O conto termina da seguinte forma: “E tá chorando por quê? Engula, viu! Ainda não te bati pra você estar chorando. Mainha. É que. Eu não. Consegui. Segurar no três. Eu sei. Não vou. Chorar. A pró disse. Que mocinha. Não. Chora.” (MERCÊS, 2022, p.21). É perceptível o sentimento de medo e dor expressos na voz soluçante da menina ao responder os questionamento e repreensões da mãe, pois tenta de toda a forma coagir algo tão natural como o choro, haja vista que o choro é um meio de extrema importância na comunicação da criança como um todo, deveria ser uma resposta para as nossas frustrações, emoções, sentimentos, pedidos de socorro.

Vale salientar que por detrás do choro existe uma razão que visa a demonstrar uma busca de proteção a violência psicológica vivida que está presente desde a agressão sofrida na escola e enraizada no tom de voz da mãe. A linguagem literária é um escape simbólico perante o intraduzível do conto narrado. Posto que o trauma ao encontrar-se com a arte, sobretudo o conto, há o elo entre a ferida psíquica e a significação (RODRIGUES; MARTINEZ, 2014).

Enquanto isso, as formas literárias vão se manifestando gradualmente, com diversas ações que aumentam a nossa visibilidade e sensação a violência na terra, na cor, no sangue “vermelho” seja na pele preta, marrom ou branca iguais no decorrer e vulnerabilidade do tempo. É nessa perspectiva que a leitura desperta o meu passado adormecido, desde as mais singelas recordações da infância até o resgate do lúdico nas brincadeiras de” faz de conta”, entre sensações inibidas e coagidas presentes no decorrer

do livro:

Mainha disse que eu não posso ter franja, só trancinhas balançantes, ó! Jojó disse que não pode brincar comigo porque meu cabelo de molinha é feio e eu tinha pele de terra pisada. Eu disse a ela que mainha passa alfazema em mim, lava meu cabelo com sabão de coco, que coloca as minhas roupas pra quarar, que painho engraxa meus sapatos, que ando bem limpinha (MERCÊS, 2022, p.18).

Quando ocorre o pensamento comparado a mecanismos que estão além da essência concreta em si, provocamos diferentes tipos de comunicação e quando criança desenvolvemos o lúdico, nas mais divergentes questões, retratadas no conto “Limoeiro”, pois a menina protagonista do conto acaba dando vida a objetos, seres inanimados, a partir das conversas com animais típicos do sertão, no conto trata-se de um cágado e um cajueiro que são como uma ponte mediadora de laços afetivos entre a menina e suas experiências vividas, um elo de comunicação entre o universo pertencente ao incrível e muitas vezes inesplicável faz de conta.

3. A VALORIZAÇÃO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE MULHERES NEGRAS NA ESCOLA

É notório que houve várias mudanças significativas não apenas no ambiente educacional, como nas demais esferas sociais. De fato, pode-se considerar que foram realizados os mais diversos tipos de estratégias de resistência e deslocamentos nas questões relevantes ao que tange a subalternização da literatura negra. Infere-se que tanto as condições e lutas objetivas quanto as subjetividades expressas afirmaram a devida importância e relevância fundamentais do empoderamento da literatura de mulheres negras.

Sobre o importante espaço da escrita negra no ambiente educacional, vale ressaltar que houve um grande avanço nos dias atuais, pois na década de 90, não havia um conteúdo específico, nem o devido valor cultural dessa literatura nas salas de aula e bibliotecas escolares. Fui aluna do ensino médio na rede pública da cidade de Bayeux-PB, no entanto, em momento algum eram citados textos, obras e nem autores negros. Pouco se falava em racismo dentro do ambiente educacional, por mais que o vivêssemos na íntegra, mas essas vozes de denúncia eram silenciadas pela timidez, vergonha ou por sabermos se tratar de um assunto que seria um tabu, como algo não pertinente aos registros da oralidade e da escrita, entre várias construções do conhecimento necessários aos jovens da época.

A literatura negra está conquistando cada vez mais o seu espaço na sociedade e na comunidade escolar através dos frutos produzidos pelo ensino superior nas Universidades Federais, que buscam construir uma aprendizagem para a vida e elaboram novas práticas

para os professores do ensino básico, considerando as vantagens das perspectivas subjetivas e das autorreflexões para a consolidação dos mecanismos da aprendizagem para formação da identidade cultural.

A escola é um ambiente essencial para o conhecimento da literatura e principalmente da literatura brasileira negra, pois através dos professores, do material didático e de livros específicos sobre respeito a diversidades e construção da aprendizagem em suas diferentes óticas, é possível mediar uma discussão sobre o racismo desde a educação infantil aos anos finais do ensino médio. Haja vista que a maior parte dos autores da literatura negra, hoje, passa a ter o devido conhecimento e “reconhecimento” dentro das universidades.

Para tanto, observamos que na escola básica houve avanços significativos no que tange a essência de valores e força existentes no texto literário especificamente “o conto”, que resiste e vai além do tempo cronológico, devido suas manifestações de cultura, comunicação e valores, conforme nos lembra MUNANGA:

A linguagem é uma das manifestações mais próprias de uma cultura. Longe de ser apenas um veículo de comunicação objetiva, ela dá testemunho das experiências acumuladas por um povo, de sua memória coletiva, seus valores. A linguagem não é só denotação, é também conotação. (MUNANGA, 2005, p.9.).

Situações como a narrada no conto “Limoeiro” são situações traumáticas potencializadas pela ampliação do repertório comunicativo na mensagem artística/literária, que, nesse caso, tem ênfase na ótica da menina/ mulher negra.

Observamos que, em 09 de janeiro de 2003, o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei nº 10.639. A partir desse marco na educação brasileira, tornou-se obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, assim como adotou o Dia da Consciência Negra como data prevista no calendário escolar. A lei, atualmente, é uma jovem de 21 anos, a qual representa a fundamental importância da luta e esforços do Movimento Negro na busca de efetivação política e educacional que refletisse sobre a participação dos povos negros na formação histórica, social cultural de nosso país. Pois, para MUNANGA:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. (MUNANGA, 2005, p.16.).

Em confluência com o resgate da ancestralidade, memória e história da luta dos diversos movimentos pela equidade social e cultural, torna-se um dever como educadora e mulher negra proporcionar as discussões sobre a violência infantil dentro da escola de forma contemporânea na busca de potencializar a desconstrução dos estereótipos, trabalhar esses textos na escola com finalidades de formar um leitor crítico, através da linguagem e pensamento que estão além do texto narrado, as percepções e associações que

possibilitam a discussão de conflitos com propósitos de solução ou novas pontes do conhecimento para reflexões.

A escrita literária, por sua vez busca um lugar de fala que relacione a corporeidade negra a possíveis vivências recuperadas e afirmativas. Tal como afirma Carolina Maria de Jesus:

Eu adoro minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo do negro mais inducado do que o cabelo branco. Porque o cabelo de preto onde põe ele fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnação eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2019, p.64).

É de total importância ser consciente do seu valor cultural na sociedade, desde quando assumimos as características negra na condição de afrodescendentes, assim como perceber que não há modelos únicos, pois até mesmo o tipo específico de cabelo rotulado como “padrão”, torna-se algo secundário e irrelevante, quando aceitamos a beleza presente nas diferentes características como sujeitos pretos que somos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pude ter o prazer em conhecer e contemplar a obra da jovem autora Calila das Mercês, com sua suavidade e precisão nas palavras, subjetividade e, acima de tudo, o respeito ao valores e ancestralidade de comunidades negras do interior que estão presentes na construção da obra como um todo: texto literário, capa, contra-capas. Obra marcante pertencente à ótica de uma jovem mulher negra, que se propõe a construir um livro de contos que toca a alma, pois encena questões que se repetem diariamente no convívio familiar, educacional, cultural, político e social.

A leitura literária me instigou a dizer como o conto “Limoeiro” primeiro conto do livro *Planta Oração* corroborou para a revisitação da minha memória ancestral, de pensamentos adormecidos e sentimentos de justiça que não poderiam ser outros, haja vista as minhas experiências e a experiência da criança protagonista do conto. A humilhação da criança por ter o cabelo diferente, não poder usá-los da maneira sonhadora que quisera realizar, para tentar fazer parte da massa globalizada que estigmatiza a diferença por inferior e não pondera belezas diferentes. Tratam-se das feridas cicatrizadas, mas não apagadas, perpetuadas no protagonismo do discurso e nas considerações daquele que se propõe a refletir acerca das questões étnicoraciais.

Pode-se aferir que a obra de Calila das Mercês atravessa tempos e espaços, reportada diariamente em lares e no ambiente educacional, social. Tais narrativas abordam o quanto ainda fazemos vista grossa e acolhemos linguagens de tons grosseiros, preconceituosas enraizadas na construção de um povo por vezes de maneira errônea repetidos pelas gerações. nossa sociedade que refletem no espelho de males mortais como o racismo.

No que tange a violência física e psicológica sofrida diariamente, mas silenciada pela autoridade hierárquica desde a escola pela professora, em casa deixada de lado os sinais vitais do corpo, como o fazer xixi na roupa, respirar fundo e engolir toda agressão sofrida e conseqüentemente exortada no sofrimento psíquico desde as pancadas na cabeça por um objeto construído unicamente para apagar um quadro negro ou “verde”, pois até hoje também suscitei esse questionamento.

Por fim, a literatura negra comprova através de seus contos a existência de inferiorização racial, entretanto nos conduz a refletir nas nossas próprias dores, preconceitos, rótulos, falas enraizadas preconceituosas entre vários tipos de violências e

como reagimos e aceitamos essa colonização, como se ainda vivêssemos presos a grilhões invisíveis e quase ou tão cruéis como os do início da história do nosso país.

Torna-se de suma importância buscar mais fontes de conhecimentos que corroborem para mais inquietações no intuito de construirmos mediações ricas de conhecimento mútuo que possibilitem, por sua vez, relações sociais que não sejam ignoradas ou marginalizadas.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Ana Paula Musatti. “Os muitos nomes de Silvana: contribuições clínico-políticas da Psicanálise sobre mulheres negras”. 2015. Tese de Doutorado em Psicologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: < braga_corrigeida.pdf (usp.br)>. Acesso em: 23 de mar de 2024.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <Constituição da República Federativa do Brasil (senado.leg.br)>. Acesso em: dez. 2023.

_____. Ministério da Educação. Lei n. 9394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: lei_9394.pdf (mec.gov.br). Acesso em: dez. de 2023.

CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2012.

DANNEMMAN, Angela. “Escrivivência: um movimento necessário”. *Correio Brasiliense*. Disponível em: correiobrasiliense.com.br. Acesso em: 21. mar. 2024.

DUARTE, Constância Lima. *Escrivivência: A escrita de nós. reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes.-1ª ed.- Rio de Janeiro: Mina comunicação e Arte, 2020.

MERCÊS, Calila das. *Planta Oração*. São Paulo: Editora Nós, 2022.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1996.

MUNANGA, Kabengele. *Superando o Racismo na escola*. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

RODRIGUES, Geisi Mara; MARTINEZ, Viviana Velasco. *A narrativa testemunhal e o enredamento do traumático no psiquismo*. Rev.latinoam.psicopatol.fundam, v. 17, n. 4, p. 858-871, 2014. Disponível em:<p. 858 a 871.Geisi e Viviana.SCIELO.indd>. Acesso em: 23 mar. 2024.

SILVESTRE, Nathercia. Carolina de Jesus: a beleza de ser diferente. BALEIA NA REDE, v.1, n.3. Disponível em:< <https://doi.org/10.36311/1808-8473.2006.v1n3.1367>>. Acesso em: 23 marc. 2024.